

EXPERIÊNCIAS EM CAMPO: Conhecendo “Alguns Brasis” da Região Norte

Andrêza Gomes de Souza
Graduanda do Instituto de Geografia – UFU
andrezgeo@yahoo.com.br

Camilla Ferreira Gouveia
Graduanda do Instituto de Geografia – UFU
camillaufugeo@yahoo.com.br

Michelly de Lourdes Lopes
Graduanda do Instituto de Geografia – UFU
michelly_geo@yahoo.com.br

Renata Rodrigues da Silva
Graduanda do Instituto de Geografia – UFU
renatadageo@yahoo.com.br

Vitor Ribeiro Filho
Professor Drº do Instituto de Geografia – UFU
vitor.f@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo em Geografia intitulado “Amazônia e Nordeste: questões socioambientais” realizou-se entre os dias 21 a 29 de Maio de 2008, sob a coordenação do professor Drº Vitor Ribeiro Filho. Ao todo, participaram 30 graduandos da disciplina “Geografia do Brasil: Nordeste e Amazônia”, ministrada no primeiro semestre de 2008 para o 7º período do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

A proposta do trabalho de campo fundamentou-se no intuito de integrar a teoria à prática, tendo em vista a necessidade de confrontar informações advindas de proposições com a realidade vivenciada, a fim de analisar e fornecer possíveis soluções às problemáticas. Dessa forma, constata-se a importância do trabalho de campo enquanto ferramenta da Geografia, seja no ensino ou na pesquisa. Acredita-se que o trabalho de campo se constitui como um importante aliado do professor de Geografia quando se trata de ensino-aprendizagem, visto que proporciona experiências únicas aos alunos, despertadas pelo contato com a realidade.

A esse respeito, ao abordar o tema trabalho de campo, Vesentini e Vlach (2004, p. 08) dissertam:

[...] aulas práticas não significam ir para um laboratório fechado (às vezes, isso até é possível, como a sala de rochas e minerais ou a sala de informática, mas não é o mais importante), e, sim, estudar realidades *in loco* (ou seja, no local). E nem sempre são necessários muitos recursos financeiros para fazer trabalhos de campo, pois muitas vezes o local a ser visitado fica tão perto que o deslocamento por ônibus é desnecessário. E sempre há um lugar próximo aonde vale a pena levar a classe para observar e refletir [...]

Percebe-se que a atividade de campo faz parte da tradição da ciência Geográfica em realizar visitas e pesquisas *in loco*, fato esse que justifica o interesse do Instituto de Geografia em promover essas práticas, a fim de que todo o arcabouço teórico visto em sala de aula seja inter-relacionado com a realidade, permitindo uma noção mais clara e isenta de pré-conceitos, que porventura possam ocorrer. Em síntese, este trabalho de campo teve como objetivos centrais: conhecer os diferentes ecossistemas da Região Nordeste e da Região Norte, tendo como exemplos as cidades de Imperatriz - MA e Belém – PA; observar a dinâmica socioambiental nos locais visitados e; analisar as diferenças intra-regionais entre a Amazônia e o Nordeste.

A fim de alcançar tais objetivos, a turma foi dividida em um momento pré-campo, a fim de que comissões fossem criadas no intuito de dinamizar as providências que deveriam ser tomadas, organizando melhor a viagem. Desta forma, foram estabelecidas as comissões de finanças, saúde e comunicação, tendo os alunos o direito de integrar aquela que achasse mais interessante. Ademais, foi empregada uma metodologia para que tais objetivos da pesquisa não se perdessem, a saber: seleção e leitura de dados e informações pré-campo, especialmente das cidades a serem visitadas; coleta individual de dados e informações por meio das palestras assistidas e visitas guiadas, tomando nota de tais informações por meio de caderneta de campo; elaboração de registro fotográfico e; elaboração de um relatório final.

Diante disso, foi organizado um roteiro de trabalho que explicitava as atividades a serem realizadas durante todo o trajeto e, mais especificamente, sobre palestras a serem assistidas na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), na Ilha do Mosqueiro e na Universidade Federal do Pará (UFPA), além das visitas guiadas às cidades de Imperatriz (MA) e Belém (PA), e à Ilha do Mosqueiro, distrito insular do Município de Belém.

Destarte, tem-se o trabalho como sendo uma iniciativa de grande importância acadêmica, tanto aos alunos quanto ao docente, os quais visualizam, por meio de vivências e de experiências, todo o conhecimento teórico adquirido ao longo de um semestre de estudo.

IMPERATRIZ – MA - do Rio Tocantins à BR 153 (Belém – Brasília)

Imperatriz localiza-se na parte oeste do Estado do Maranhão e possuía, em 2007, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aproximadamente 230 mil habitantes, sendo considerada, atualmente, o segundo maior centro econômico e populacional do estado, perdendo apenas para a capital, São Luis. O município possui o título de “Metrópole da Integração Nacional”, visto sua localização estratégica à margem da Rodovia Belém-Brasília e ao grau de desenvolvimento que vem alcançando. A cidade se situa à margem direita do Rio Tocantins, sendo este de grande importância para a região por favorecer as atividades ligadas à agricultura e pesca, além de servir, também, como via de circulação, fazendo divisa entre os estados do Maranhão e Tocantins. Imperatriz recebeu, ao longo de sua história, vários títulos, dentre eles o de “Portal da Amazônia”, por se localizar na parte oriental do bioma Amazônico, onde se observa características desse ecossistema.

No presente momento, percebe-se que a cidade possui ruas comerciais com atividades diversificadas, dentre elas bancos, supermercados e farmácias. Entretanto, mesmo sendo a segunda maior cidade do estado, chama a atenção o fato de não possuir uma verticalização na paisagem urbana, e, por outro lado, nota-se uma grande presença do comércio informal nas principais vias da cidade. Notadamente, a arborização também deixou a desejar, o que pareceu influenciar ainda mais na sensação de calor intenso e falta de ventilação no decorrer da área central de Imperatriz.

Guiados pelo professor Carlos dos Santos, da Universidade Estadual do Maranhão, conhecemos parte da área histórica da cidade de Imperatriz, localizada próxima à beira rio, onde se iniciou o processo de ocupação da cidade. Dirigimo-nos primeiramente à Rua 15 de novembro, a qual chamou atenção por ser a única rua arborizada da cidade. Nessa rua, fica clara a dependência inicial do sítio urbano em relação ao rio, visto que as ruas transversais a 15 de Novembro chegavam todas à área da beira rio; isso não acontece mais atualmente, pois,

com a construção da BR-153 (Belém-Brasília), que passa por Imperatriz, o eixo de crescimento da cidade alterou-se no sentido de encontro à rodovia. Em outro momento, fomos até a Praça da Catedral de Nossa Senhora de Fátima: nesse local, foi possível observar a intensificação do comércio, indicando que estávamos próximos ao centro comercial de Imperatriz. Assim, passamos pelo calçadão Getúlio Vargas, uma rua comercial fechada à circulação de automóveis, onde estão instalados apenas estabelecimentos comerciais, que se ocupam com a venda de calçados, confecções, bijuterias, entre outros. Além das lojas, também foi possível observar “bancas” de comércio informal, semelhantes a camelôs, comercializando bolsas, relógios, óculos, chapéus e outros pequenos produtos eletrônicos.

Posteriormente, passamos ainda pelo mercado de carnes e condimentos. No mercado de carnes, foi possível observar problemas de higiene na exposição dos produtos perecíveis nas bancas. Já o setor de condimentos possuía sementes, temperos, raízes e farinhas expostos “*in natura*” em grandes sacos para serem pesados a granel. Outro local visitado foi o bairro dos Três Poderes, área nobre da cidade, na qual reside a população com maior poder aquisitivo (políticos, empresários e fazendeiros); isto pode ser verificado no padrão das residências: casas suntuosas com muros altos e seguranças particulares.

No que tange ao abastecimento público, observou-se que o mesmo é realizado pela Companhia de Água e Esgotos do Maranhão (CAEMA), sendo que a água captada é originária do Rio Tocantins. A cidade possui dois reservatórios de água capazes de abastecer toda a população. A rede de esgoto, por sua vez, também é administrada pela CAEMA, sendo que os dejetos colhidos pelas adutoras são jogados diretamente no Rio Tocantins, sem que haja um tratamento adequado, o que influencia diretamente na qualidade da água do rio e, conseqüentemente, na sua potencialidade pesqueira.

No dia seguinte de visita, tivemos a chance de conhecer a Ilha de Serra Quebrada, localizada no Rio Tocantins, que faz a divisa entre os estados do Maranhão, de onde saímos, e do Tocantins, onde se localizava a ilha para a qual nos dirigimos. Durante o caminho, observamos a vegetação diferenciada daquela típica de cerrado, com árvores de maior porte e menos espaçadas; entretanto, mesmo com mata ciliar ainda relativamente preservada em alguns pontos, durante o percurso até a ilha, o calor ainda era intenso, típico da região em que nos encontrávamos. A população ribeirinha também chamou atenção, no sentido em que, por

vezes, algumas pessoas eram vistas à beira rio lavando roupas, pescando ou mesmo em momentos de lazer, sozinhos ou com a família. Depois de duas horas de viagem em direção a montante do rio, ancoramos na Ilha de Serra Quebrada, área pertencente à Marinha Brasileira, localizada no Estado do Tocantins.

A ilha é utilizada em estudos realizados por biólogos, geógrafos e outros pesquisadores interessados na dinâmica específica da área cercada pelo Rio Tocantins; essa dinâmica permite a formação, no interior da ilha, de uma lagoa, originária das especificidades dos seus padrões de declividades. Por esse e outros fatores, a ilha tornou-se um local voltado às atividades de turismo de fim de semana para os moradores das cidades mais próximas, possuindo uma infra-estrutura definida para isso, com bar e áreas de lazer com quiosques e salão coberto. Após esse curto tempo na cidade de Imperatriz, percebemos que seu crescimento vertical de fato é recente, e que, com um Plano Diretor do ano de 2003, a cidade ainda precisa de um melhor planejamento, especialmente no setor de infra-estrutura, destacando-se, neste sentido, o saneamento básico.

BELÉM – PA – da ocupação da Amazônia à metrópole regional

Belém, capital do Estado do Pará, localiza-se na Baía do Guajará, e situa-se próximo à linha do Equador. Por sua localização estratégica, nas proximidades de um imenso manancial de água superficial, Belém tornou-se uma grande cidade portuária, com a economia baseada, dentre outros produtos, na pesca. Um exemplo claro da sua importância enquanto cidade pesqueira é o mercado “Ver-o-Peso”, situado às margens da Baía do Guajará, local onde são comercializados produtos da cultura paraense.

A cidade de Belém possui dois territórios distintos: o território continental e o insular. Dessa forma, considerando apenas os residentes na capital paraense, é possível admitir que a cidade possua, aproximadamente, 1,5 milhão de habitantes, já que, no ano de 2007, o IBGE contabilizou 1.408.847 habitantes, o que corresponde a, aproximadamente, 30% da população total do estado, sendo a cidade mais populosa e o núcleo da maior região metropolitana do Norte do país.

Em relação à fundação de Belém, esta ocorreu no ano de 1616, um século após a chegada dos portugueses ao Brasil. A criação da cidade se deu com a construção do “Forte do

Presépio”, localizado em uma área de planalto rebaixado. Durante nossa visita ao sítio histórico da cidade, fomos guiados por alguns mestrandos da Universidade Federal do Pará, os quais nos apresentaram, primeiramente, um breve histórico da região, reforçando o papel dos jesuítas que ajudaram na colonização da região por meio das aldeias missionárias e dos colégios jesuítas, e o papel representado pelo forte, construído em um lugar estratégico - entrada da Baía do Guajará - onde foi possível defender o território português de possíveis tentativas invasões dos holandeses e espanhóis, já que a cidade de Belém surgiu como porta de entrada e saída da Amazônia.

Além disso, tivemos a oportunidade de observar as principais características físicas do local: a geologia (área de deposição de sedimentos antigos); a hidrografia (rede fluvial composta por diversos cursos d’água e baía) e relevo da área de estudo. A conjunção desses fatores naturais favoreceu o início da ocupação de Belém numa área de planalto rebaixado, próximo ao local onde hoje está o Forte do Presépio. No Forte do Presépio, mesmo que rapidamente, foi interessante estarmos tão próximos à história materializada, observando canhões ainda apontados rumo à entrada da baía e com o forte preservado em sua estrutura original. O lugar, já adaptado para as visitas de turistas, apresenta uma bela vista para a baía do Guajará.

Saindo do Forte, chegamos a uma bela e bem arborizada praça, local em que observamos o antigo Palácio do Governo, construído sob ordens do Marquês de Pombal, onde, em 1835, os cabanos revoltados tomaram tal palácio e assumiram o poder da cidade por um período de tempo. É importante lembrar que a Cabanagem foi a revolta na qual negros, índios e mestiços lutaram contra a elite política e tomaram o poder no Pará. Entre as causas da revolta, encontraram-se a extrema pobreza das populações ribeirinhas e a irrelevância política à qual a província foi relegada após a independência do Brasil.

Saindo da praça, nos dirigimos à antiga garagem dos bondes elétricos de Belém, onde ainda foi possível observar um último deles, que faz passeios aos domingos e feriados. Nesse local, observamos os vestígios da *Belle Époque*, a qual foi notadamente incorporada, na região, durante o período áureo do ciclo da borracha, quando uma pequena elite da cidade, ao enriquecer rapidamente, adotou os costumes e o modo de vida europeus. Cabe ressaltar que a *Belle Époque* (ou Bela Época, em Francês) remete-se ao momento, na França, marcado por

profundas transformações culturais, as quais se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano.

Nesse momento histórico da cidade de Belém e da região amazônica, surgiram cidades a partir dos seringais e, com o modelo de produção do aviamento, o dinheiro arrecadado foi investido na introdução da eletricidade a partir do gás, na construção de teatro (como o exuberante Teatro da Paz, em Belém) e na criação de um padrão estético e ético, um verdadeiro código de conduta fundamentado em costumes europeus, especialmente o francês: por exemplo, tinha-se como “norma” o uso de terno e gravata pelos homens e vestidos longos pelas mulheres, mesmo com o clima totalmente diferente da capital francesa, de onde tais valores eram transplantados para o país; tal desconforto, entretanto, não era suficiente para abalar o desejo de se sentir um cidadão nobre e distinto como os franceses, fato que levou Belém a ser conhecida, na época, como a “França Brasileira”.

Saindo da garagem do bonde elétrico, passamos por ruas estreitas e ainda com calçamento antigo, provavelmente da época do ciclo da borracha, e ainda pela Praça do Relógio, próxima ao Rio Guamá, por onde chegam barcos de pesca que ficam ancorados nos pequenos cais ali existentes. Próximo a esse tipo de cais, localiza-se o mercado “Ver-O-Peso”, cartão postal da cidade de Belém, no qual são comercializados, além dos pescados frescos, variedades de carnes, sementes, temperos, condimentos, ervas, farinhas, frutas, refeições em geral para lanches e almoço. Além disso, são comercializados outros tipos de mercadorias, como importados, roupas e *souvenirs*.

Ainda, caminhamos pelo complexo comercial observando sua variedade, tanto de pessoas quanto de mercadorias expostas, e acabamos, por fim, chegando à Estação das Docas, também conhecida simplesmente como Docas. No local, foi comentado sobre a revitalização realizada na Estação das Docas e como estas se tornaram parte do patrimônio cultural de Belém; mesmo que a maioria da população não tenha condições para frequentar as instalações, por se tratar de um ambiente requintado, toda a cidade tem orgulho das novas Docas de Belém. Posteriormente à visita na porção histórica da cidade, tivemos a oportunidade de visitar a Baía do Guajará, com o objetivo de chegar a uma das comunidades ribeirinhas do local.

Durante o trajeto de navegação, foi possível ver a porção da cidade de Belém que se localiza à beira rio, com seus prédios desaparecendo no horizonte na medida em que nos afastávamos dela e nos aproximávamos da outra margem da baía. Nessa outra margem, pudemos observar uma grande variedade de árvores, com destaque ao açaí, facilmente identificado na paisagem. Seguindo o passeio pela Baía do Guajará e pelo Rio Guamá, foi possível observar vários elementos da paisagem, como trapiches e palafitas nas comunidades ribeirinhas e o movimento das pessoas que tem como único meio de transporte o fluvial. A impressão que se tem nesse tipo de passeio é a de se estar adentrando em um lugar inabitado, onde a presença da natureza se sobrepõe à do homem. Entretanto, essa impressão de domínio do natural sofreu certa modificação ao ancorarmos na comunidade ribeirinha do Combú, momento em que pudemos estar próximos aos moradores da comunidade. Nesse local, ainda conhecemos a castanheira, árvore símbolo da Amazônia, típica de áreas de terra firme, e ainda que em uma paisagem intensamente modificada pela intervenção humana, estivemos bem próximos da Floresta Ombrófila Densa. Na comunidade, ainda está localizada uma escola rural, a qual atende as comunidades ribeirinhas próximas.

Finalizando nossa estadia em Belém, fomos convidados a assistir a uma verdadeira aula da Professora Dr^a Maria Goretti, da Universidade Federal do Pará, na qual foram tratados diversos temas da Amazônia. Dentre os temas abordados, discutiu-se o histórico de ocupação e desenvolvimento da Região Norte, a internacionalização da Amazônia, a dinâmica da Região Norte e da cidade de Belém. Esses temas são, muitas vezes, pouco estudados e acabam por transmitir uma imagem carregada de concepções errôneas e precipitadas àqueles que não a conhecem bem.

MOSQUEIRO: “Flor das Águas” da Amazônia

Após nos instalarmos em Belém (PA), percorremos algumas ruas da cidade, como a Avenida Almeida Barroso e a travessa Perebebuí, bem como o município de Ananindeua. O trajeto foi realizado por meio das rodovias BR-316 e PA-391, sendo esta última a responsável por interligar a Ilha do Mosqueiro a Belém.

Localizada a cerca de 70 km do núcleo urbano de Belém, na costa oriental do Rio Pará, no braço sul do Rio Amazonas e em frente à Baía do Guajará, a Ilha do Mosqueiro é um

distrito insular de Belém, caracterizada como espaço de lazer. Pode-se afirmar que a valorização deste lugar ocorreu a partir do século XIX, com a intensificação das práticas turísticas. A ilha integra o golfo de marajoara, um arquipélago constituído por trinta e cinco ilhas, sendo esta a de maior extensão, com cerca de 220 km² e com uma população estimada de 28.000 habitantes (IBGE, 2007). Entretanto, como se trata de um distrito caracterizado por seus atrativos turísticos, em períodos de férias, sua população pode chegar até 400.000 habitantes.

Esta oscilação no âmbito populacional ocorre em função das variadas manifestações do turismo, uma das principais atividades geradoras de renda; essas atividades turísticas sofreram um processo de territorialização, de modo que as suas tipicidades (notadamente o turismo de sol e praia, o turismo ecológico e o turismo de segunda residência) mostram-se dominantes em determinados espaços e/ou épocas do território insular. Dentre estas modalidades, o turismo de segunda residência é predominante na composição territorial da ilha, estendendo-se pelas praias do Farol, Porto Arthur, Chapéu-Virado, Ariramba, São Francisco e Murubira.

Chegamos à ilha de manhã, onde a professora Dr^a Maria Goretti nos aguardava para iniciar uma seqüência de palestras na sede administrativa local. A primeira apresentação foi realizada pelo pesquisador Willame de Oliveira Ribeiro, orientando da professora Maria Goretti, com a seguinte temática: “Ordem e desordem do território turístico: A chegada do Estranho e os conflitos de territorialidades na orla oeste de Mosqueiro, Belém/PA”. Tal pesquisador analisa, em sua pesquisa, a utilização da orla oeste da ilha e a presença de conflitos de territorialidades, ocorridos devido à territorialização das práticas turísticas excursionista e à desterritorialização da prática turística de segunda residência.

Portanto, segunda apresentação foi realizada por Maria Augusta Freitas Costa, cujas pesquisas estão voltadas para a rede turística e sua organização espacial. Neste trabalho, Maria Augusta menciona o surgimento do turismo ecológico na ilha, exemplificado com a prática de visitação da trilha Olhos d’água. A última apresentação foi do professor Eduardo Brandão, que pautou seus comentários nos aspectos culturais e religiosos que constituem a identidade do lugar e dos habitantes da Ilha de Mosqueiro. Dando seqüência à visita à Ilha do Mosqueiro e acompanhados pelos palestrantes, fomos conhecer a orla oeste da ilha. Por meio

de sua paisagem, fica claro que se trata de um local paradisíaco, que, com certeza, atrai inúmeros turistas de segunda residência, os quais constroem casas de veraneio na ilha, além dos turistas excursionistas, que chegam para passar um final de semana ou um dia nas praias fluviais da ilha. E um fator que impulsionou claramente o desenvolvimento das atividades turísticas do local foi a construção da ponte que liga Belém a seu distrito insular, na década de 1970, a qual agilizou a chegada dos turistas e, por isso, promoveu uma intensificação do fluxo de pessoas.

Ainda durante a visita à ilha, conhecemos um trapiche, na Praia da Ponte, de onde era possível ver as ruínas da fábrica Bitar, primeira indústria a produzir (década de 1930) pneus no Brasil. Além disso, fomos ainda ao Mercado do Mosqueiro, onde são comercializados, principalmente, condimentos; esse mercado fica próximo a Igreja de Nossa Senhora do Ó, a padroeira de Mosqueiro. Fomos também à Praia do Chapéu Virado, onde se concentra o maior movimento de turistas, comprovado pelo enorme número de carros estacionados próximo à praia e pelo grande número de quiosques para venda de comida e bebida aos frequentadores da praia. Ressalta-se que as praias sobre as quais nos referimos estão localizadas na margem do Rio Pará, um rio tão extenso que, em alguns dos seus pontos, não permite sequer ver sua outra margem, e que, além disso, ainda possui ondas, como uma verdadeira praia marítima.

Por fim, conhecemos a Praia do Paraíso, onde se localiza o principal hotel, Hotel Paraíso, da ilha, de grande importância econômica para a região em função do fluxo de capital que gera. O Hotel Paraíso possui influência na organização do espaço insular, visto que, durante algum tempo, impediu a pavimentação da rua à beira rio para aumentar a idéia de rusticidade do local, usada como *marketing* para atrair turistas do mundo inteiro. Já na Praia do Marahu, chegamos para almoçar e, logo de início, percebemos que seu aspecto rústico ainda está preservado: não existe grande ocupação, a rua não é pavimentada e não há presença de grande fluxo de carros nem quiosques.

VIAJANDO PELO NORDESTE E AMAZÔNIA

Pessoalmente, consideramos o trabalho de campo realizado nas duas regiões – Norte e Nordeste - como um momento único que não poderia deixar de ser aproveitado para conhecer

um Brasil tão diferente do nosso “comum” Sudeste, em relação à cultura, modo de vida e aspectos físicos e socioeconômicos. Vivendo tão longe do Maranhão e Pará, temos uma visão limitada e, muitas vezes, pré-formada pela mídia sobre estes dois estados, visão esta que, na maioria das vezes, não é positiva, vendo o Norte-Nordeste como regiões sem lei. Nesse sentido, o campo permitiu uma desmistificação dessas concepções, uma vez que, nessa viagem, pudemos observar as diferenças e entendê-las. Além disso, pelo fato de o trabalho estar vinculado à disciplina de Geografia do Brasil: Nordeste e Amazônia, a turma já havia tido contato com uma bibliografia básica, que foi fundamental para que entendêssemos melhor as questões geográficas, históricas, sociais e ambientais que foram apresentadas pelos palestrantes, os quais, inclusive, devem ser mencionados com merecimento e gratidão pela recepção e paciência em nos apresentar as cidades e ministrar verdadeiras aulas sobre as áreas visitadas. Merecem também nossos agradecimentos o 50º BIS de Imperatriz e a 5ª Cia de Guardas de Belém, que nos receberam e ofereceram excelente estadia.

Em relação ao roteiro do trabalho, ressalta-se que a variedade de atividades dentro do tempo que dispúnhamos foi extremamente proveitosa, já que tivemos oportunidade de conhecer ilhas, rios, centros históricos e comerciais das cidades, praias e pontos turísticos, de forma a permitir uma visão ampla sobre os locais visitados. Portanto, destaca-se a importância deste trabalho de campo, proporcionando a todos nós uma oportunidade única de aprendizado e troca de experiências, de observação de uma paisagem totalmente diferenciada, e da vivência, mesmo que rápida e parcial, de um mundo distinto do que estamos acostumados.

Referências

- BECKER, B K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.19, n.53, p.71-86, 2005.
- CORREA, R. L. A Organização Urbana. In: FIBGE. **Geografia do Brasil** – Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE, p. 255-271, 1989.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MEGGERS, B. **Amazônia**: a ilusão de um paraíso. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, p. 29-69, 1987.

PESQUISA QUALITATIVA: Reflexões sobre Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p.139 – 154, março/ 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br>>. Acesso em 02 de julho de 2008.

POZZOBON J., LIMA, D. A Amazônia Socioambiental. Sustentabilidade ecológica e Diversidade Social. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.19 n.54, p.45-76, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 01 de Maio de 2009.

VESENTINI, José W.; VLACH, Vânia F. Rúbia. **Geografia Crítica** – Manual do Professor. São Paulo: Ática, 2004. v.3, p. 08.